

## **Jornalismo e desinformação: a cobertura das declarações falsas ou distorcidas do presidente Bolsonaro na Folha de S. Paulo (2019-2021)<sup>1</sup>**

Gabriel Rodrigues da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Departamento de Comunicação Social – Bacharelado em Jornalismo

### **Resumo**

Esta pesquisa busca observar como a grande mídia noticiou declarações falsas ou distorcidas do presidente Jair Bolsonaro em seus três primeiros anos de governo (2019-2021). O corpus da pesquisa foi constituído por reportagens publicadas no site do jornal Folha de S. Paulo. Com base em revisão bibliográfica do estado da arte em desinformação e o papel da imprensa frente a esse ecossistema midiático, avaliam-se as manchetes, a estrutura e construção desses textos, e se há algum tipo de contextualização das falas proferidas por Bolsonaro; se foi dado espaço para o contraditório e se as outras fontes ouvidas contrapõem as falas do presidente, contribuindo para o jornalismo e a sociedade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; *fake news*; desinformação; jornalismo declaratório; Jair Bolsonaro.

### **1. Introdução**

O presente trabalho tem como proposta analisar a cobertura feita pela mídia brasileira acerca das declarações falsas e distorcidas do presidente da República, Jair Bolsonaro. Para isso, serão analisadas reportagens que, de alguma forma, mencionam os discursos comprovadamente falsos e distorcidos do presidente, foram publicadas no site do jornal Folha de S. Paulo, entre os anos de 2019 e 2021. Deputado federal pelo Estado do Rio entre 1989 e 2019 sete vezes, e vereador do município do Rio de Janeiro de 1989 a 1991, Jair Bolsonaro, ex-PSL, só despontou como personagem influente na política nacional em 2015, em meio às articulações políticas que culminaram no afastamento da presidenta Dilma Rousseff, em agosto

---

<sup>1</sup> Artigo derivado de monografia de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com orientação da professora Itala Maduell Vieira, em junho de 2021.

de 2016.<sup>2</sup> Empunhando as bandeiras do conservadorismo, anti-esquerda e contra a corrupção, viu sua popularidade crescer de forma considerável nos anos que antecederam ao pleito de 2018, quando foi eleito o 38º presidente da República ao derrotar o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, em segundo turno das eleições. Foi um processo eleitoral conturbado, marcado por um atentado ao candidato e pela propagação de desinformação digital em massa, por meio de disparos de notícias falsas via WhatsApp. Com uma estratégia de comunicação que priorizou as redes sociais em detrimento da mídia tradicional, o capitão reformado do Exército obteve mais de 57 milhões de votos (55,13% dos votos válidos).

Nas aparições públicas, Bolsonaro se notabiliza pelos constantes ataques aos órgãos de imprensa e, também, pelas declarações falsas ou distorcidas, propagadas em compromissos de governo, na porta do Palácio da Alvorada, nas suas redes sociais, ou nas transmissões que realiza semanalmente on-line. Levantamento da agência de checagem de notícias Aos Fatos aponta 606 declarações falsas ou distorcidas em 2019, uma média de 1,6 por dia. No ano seguinte, já eram 1.592, ou 4,36 para cada dia. Em 2021, 2.516 falas continham informações sem base na realidade, ou 6,9 por dia.

Por se tratar da autoridade máxima do poder Executivo, estas falas têm sido amplamente divulgadas pelos principais veículos de informação do país. Em 19 de julho de 2019, por exemplo, O Globo, jornal de abrangência nacional, publicou: "Passar fome no Brasil é uma grande mentira, diz Bolsonaro". Horas depois, O Estado de S. Paulo, outro jornal de repercussão nacional, noticiou: "Bolsonaro acusa Inpe de divulgar dados mentirosos sobre desmatamento". Dez dias depois, em 29 de julho de 2019, a Folha de S. Paulo reproduziu em seu site: "Se o presidente da OAB quiser saber como o pai dele desapareceu na ditadura, eu conto, diz Bolsonaro".

O objetivo deste trabalho é compreender como a grande mídia retrata as declarações falsas ou distorcidas de Bolsonaro, apontando para as características, os fatores que influenciam nesta cobertura e os problemas que podem acarretar, à luz de estudos de autores que discutem o jornalismo, a crise de confiabilidade que ele atravessa, além do fenômeno das *fake news* e da pós-verdade.

---

<sup>2</sup> Um capitão no Planalto. UOL. Disponível em: <https://www.uol/eleicoes/especiais/jair-bolsonaro-eleito-presidente-eleicoes-2018.htm#a-ascensao-do-mito-ao-poder>.

O corpus da pesquisa documental é o conjunto de reportagens sobre declarações falsas ou distorcidas do presidente Bolsonaro no site da Folha de S.Paulo, periódico gerido pelo Grupo Folha que vem alternando com O Globo o posto de jornal de maior circulação e audiência do Brasil.<sup>3</sup> Foram encontradas 25 reportagens publicadas entre março de 2019 e maio de 2021. Esse material foi categorizado e resultou em uma seleção para análise de três momentos: a primeira matéria repercutindo uma declaração falsa ou distorcida de Bolsonaro; o ponto de virada, quando se observa uma nova forma de noticiar esse tipo de discurso do presidente; e matérias relacionadas à Covid-19, tema que fez explodir o número de declarações falsas ou distorcidas, em 2021. Avaliam-se as manchetes, a estrutura e construção desses textos, e se há algum tipo de contextualização das falas no título, subtítulo, ou corpo do texto; se foi dado espaço para o contraditório e se as outras fontes ouvidas contrapõem as falas do presidente.

## 2. Jornalismo, crise de confiabilidade e a pós-verdade

Uma pesquisa global que mede o nível de credibilidade das instituições tradicionais revelou que os brasileiros depositam maior confiança nos seus empregadores do que nos meios de comunicação e na classe política: 79% dos brasileiros entrevistados pelo Trust Barometer afirmaram que confiam na palavra do "Meu Empregador". Na sequência, com maior nível de credibilidade aparecem as Empresas (61%), acompanhadas de perto das ONGs (56%). Ainda de acordo com o estudo organizado pela agência Edelman, Mídia e Governo são as instituições mais desprestigiadas no Brasil. Os veículos de comunicação contam com a confiança de 48% dos brasileiros, e governantes com 39%.

Ao mesmo tempo, 58% declararam se preocupar com *fake news* em 2021 (REUTERS, 2021). O sentimento de desconfiança é grande quando as informações são obtidas por meio dos mecanismos de pesquisa on-line (34% confiam), como Google, e pelas redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram (24%).

<sup>3</sup> Em 2021, *O Globo* superou a *Folha* em tiragem, a *Folha* tem mais assinantes. Ver <https://oglobo.globo.com/economia/o-globo-continua-sendo-mais-lido-vendido-do-pais-25122447>. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/folha-encerra-a-decada-como-o-jornal-com-mais-assinantes-do-pais.shtml> e <https://www.poder360.com.br/midia/grandes-jornais-mantem-circulacao-nos-2-primeiros-anos-de-bolsonaro/>

Paradoxalmente, é por meio das redes que a maioria dos brasileiros se informa (83%), superando até a TV (61%).

A sensação de insegurança em relação ao trabalho dos jornalistas não se restringe apenas ao Brasil. Entre as 12 nações monitoradas pelo *Digital News Report* desde 2015, — o Reino Unido, Estados Unidos, França, Alemanha, Dinamarca, Finlândia, Itália, Espanha, Japão, Brasil, Austrália e Irlanda — a confiança no conteúdo produzido pelos jornalistas caiu em média 4%. Ainda de acordo com o relatório, apesar de uma pequena maioria (51%) considerar que a mídia os ajuda a compreender a atualidade, menos de um terço acredita que a imprensa cobre temas pertinentes, e somente 16% afirmaram que o tom utilizado nas coberturas é bom. Embora os números variem de país para país, os levantamentos do Instituto Reuters, assim como a pesquisa da agência Edelman, expõem o processo contínuo de perda de credibilidade, maior patrimônio de jornalistas e de meios de comunicação (LAUX, 2008).

Para construir credibilidade jornalística é necessário que ocorra a correspondência entre a credibilidade constituída pelo veículo, ligada aos princípios da busca pela verdade e do interesse público; e a credibilidade percebida pelo público, resultado do que o leitor observa a partir da prática dos jornalistas (LISBOA; BENETTI, 2017). A credibilidade constituída pelo veículo está amparada em noções socialmente compartilhadas sobre o que significa ser um bom informante.

Segundo Christofletti, o jornalismo precisa “continuamente convencer a sociedade de que é único, relevante, útil, confiável e necessário” (2019, p. 78), e adotar práticas mais transparentes é uma medida (p. 82): “ainda é possível acreditar no jornalismo, mas essa credibilidade necessita de novos pactos, de maior abertura e transparência, de mais comprometimento comunitário e social”.

A aparente queda de credibilidade do jornalismo ocorre em meio à proliferação de desinformação na internet — em especial nas redes sociais — com as *fake news*, “histórias falsas que parecem ser notícias, geralmente criadas para influenciar pontos de vista políticos”, como define o Cambridge Dictionary. Entre as 25 mil pessoas consultadas por estudo do Centre for International Governance Innovation, 86% admitiram ter acreditado em pelo menos uma notícia falsa com a qual se depararam nas redes sociais. As plataformas também foram apontadas como as grandes responsáveis pela distribuição de *fake news* por 82% dos entrevistados.

Entre os usuários do Facebook, 77% disseram ver circular informação total ou parcialmente falsa na plataforma (CIGI-IPSOS, 2019, p. 84).

Os brasileiros também têm sido alvo constante de campanhas de desinformação on-line. Ainda em 2016, conteúdos enganosos relacionados à Operação Lava Jato foram mais compartilhados do que notícias verdadeiras sobre as investigações. Naquele ano, as 10 principais notícias falsas tiveram mais de 3,9 milhões de engajamentos, enquanto as 10 principais notícias verdadeiras somaram 2,7 milhões<sup>4</sup>. Além disso, segundo a *Brazil UK Forum*, pesquisa organizada pela empresa IDEIA Big Data, dois em cada três brasileiros (67%) receberam notícias falsas durante as eleições de 2018.<sup>5</sup>

Com a popularização da internet e o boom das redes sociais, o tempo do jornalismo profissional se tornou mais veloz (PINHO, 2003), com ritmo de produção de notícias muito mais intenso que na era analógica. E agora, o público, conectado à web, passou a produzir, acessar e difundir conteúdo em uma escala sem precedentes. O monopólio da produção e distribuição de notícias das empresas jornalísticas foi rompido, e a imprensa tem observado o seu poder de influência sobre as sociedades diminuir gradativamente. Ao mesmo tempo, “a fragmentação das fontes noticiosas criou um mundo atomizado em que mentiras, rumores e fofocas se espalham numa velocidade alarmante” (SANTOS, 2017). Ao atuar como agente democratizador da informação, a internet viabilizou, ao mesmo tempo, a disseminação em massa de meias-verdades e inverdades, afetando a nossa capacidade de discernir o real do não-real.

As *fake news* surgem como produto de uma nova era, da pós-verdade, termo empregado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich. No ensaio, publicado na revista *The Nation*, Tesich propunha uma reflexão sobre o momento político dos Estados Unidos, que vivia sob os efeitos do escândalo Irã-Contras, deflagrado em 1986, e da Guerra do Golfo (1990-1991), no Oriente Médio. O autor lamenta como nós, seres humanos, “como povo livre, decidimos livremente que queremos viver em uma espécie de mundo da pós-verdade”

<sup>4</sup> Notícias falsas da Lava Jato foram mais compartilhadas que verdadeiras. BuzzFeed, 23/11/2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/alexandrearagao/noticias-falsas-lava-jato-facebook>.

<sup>5</sup> Dois em cada três receberam fake news nas últimas eleições, aponta pesquisa. Folha de S. Paulo, 19/05/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/2-em-cada-3-receberam-fake-news-nas-ultimas-eleicoes-aponta-pesquisa.shtml>

(ALTARES, 2018), ou seja, em um mundo em que a verdade já não é mais tão importante.

Mas o termo só viria a ganhar notabilidade 24 anos depois, quando foi eleito, em 2016, a palavra do ano pelo dicionário Oxford.<sup>6</sup> Pós-verdade "se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais". A escolha foi feita com base no diagnóstico de que a imprensa mundial recorreu à palavra com frequência notável para tentar explicar os acontecimentos daquele ano, marcado pelo *Brexit* e pelas eleições para presidente nos Estados Unidos. O dicionário cita como exemplo um texto do jornal britânico *The Independent*, publicado momentos antes do anúncio da vitória de Donald Trump, que dizia que, independentemente do resultado do pleito americano, o mundo passava a viver na pós-verdade: "A verdade desvalorizou-se tanto que passou de ideal ao debate público a uma moeda sem valor" (MATHEW, 2016). Outro artigo — esse publicado na revista *The Economist*, com o título "A Arte da Mentira" — afirma que "Trump é o principal expoente da política da pós-verdade", que faz uso de frases que "passam a sensação de serem verdadeiras, mas não têm base real".<sup>7</sup>

Trump se notabilizou pelos disparates ditos em suas redes sociais, nos comícios que realizou por todo os Estados Unidos, e aos veículos nacionais e internacionais de imprensa. Na tentativa de desqualificar os candidatos à presidência dos Estados Unidos e conquistar o voto dos eleitores indecisos, o republicano adotou a mentira como estratégia política. Munido de informações falsas, protagonizou uma série de ataques pessoais contra os adversários, chegando a afirmar que Hillary Clinton, sua concorrente na disputa pela Casa Branca, fundou o grupo terrorista do Estado Islâmico. Levantou suspeitas e colocou em xeque a legitimidade do resultado daquelas eleições caso fosse derrotado.

De início, a imprensa repercutiu todas essas declarações de Trump limitando-se a reproduzir seus discursos mentirosos, sem responsabilizá-lo por suas acusações falsas e infundadas. Em 11 de agosto de 2016, por exemplo, o *The Washington Post* estampou no site a seguinte manchete: "Donald Trump acabou de rebaixar

<sup>6</sup> Word of the year 2016 is... Oxford Dictionaries, 2016. Em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>

<sup>7</sup> Art of lie. *The Economist*, 16/09/2016. Em: [www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie?fsrc=scn/tw/te/pe/ed/artofthelie](http://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie?fsrc=scn/tw/te/pe/ed/artofthelie).

Hillary Clinton de 'o diabo' para o 'fundador do ISIS'.<sup>8</sup> Dois meses depois, em 18 de outubro, a rede de notícias BBC noticiou: "Trump diz que as eleições são fraudadas nos locais de votação".<sup>9</sup>

Assim como na corrida presidencial americana de 2016, o processo que culminou na saída do Reino Unido da União Europeia também foi alvo de campanhas de desinformação. A diferença é que, algumas delas, foram promovidas pelos próprios veículos de comunicação britânicos. Segundo Jon Danzig (2019), nos anos que antecederam o Brexit, foram publicadas inúmeras notícias comprovadamente falsas na imprensa do Reino Unido. Xenófobas, as publicações disseminavam a ideia de que muitos dos problemas que assolavam o país poderiam ser explicados pela entrada excessiva de imigrantes. Foram noticiadas, sobretudo em tablóides ingleses como Daily Mail e Daily Express, matérias com capas sensacionalistas e de conteúdo falso sobre privilégios a imigrantes que nunca existiram, sobre violência alegadamente perpetrada por refugiados contra cidadãos britânicos, e como perda de entrada de imigrantes no Reino Unido poderia significar o fim de privilégios para ingleses, escoceses, galeses e irlandeses do norte.

Os pesquisadores Hunt Allcott e Matthew Gentzkow (2017) analisaram os efeitos das *fake news* nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, mas os resultados não permitiram afirmar que as notícias falsas influenciaram o resultado do pleito, já que seria difícil medir seu real impacto entre os eleitores. Por outro lado, os pesquisadores alertaram para o fato de que houve, sim, um aumento na circulação de informações falsas durante o período eleitoral, e que os eleitores tendem a acreditar nas informações falsas, especialmente quando são escritas no mesmo modelo dos artigos de jornais impressos.

No entanto, não se deve creditar a vitória de Trump apenas aos "fatos alternativos". O aumento da desigualdade, os benefícios não-uniformes da globalização e a transferência das fábricas e dos empregos para o México e para a Ásia são verdades factuais que não podem ser desmentidas (GENESINI, 2016) e ajudaram a fortalecer a retórica. Trump soube se aproveitar para construir um roteiro que mistura ficção e realidade. A razão dos tempos atuais é sensível, e não

<sup>8</sup> Donald Trump just downgraded Hillary Clinton from 'the devil' to the 'founder of ISIS'. The Washington Post, 03/10/2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/03/donald-trump-just-downgraded-hillary-clinton-from-the-devil-to-the-founder-of-isis/>

<sup>9</sup> US election 2016: Trump says election 'rigged at polling places'. BBC News, 16/10/2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/election-us-2016-37673797>

é lógica. O eleitor de Trump se tornou um torcedor de time de futebol. Vê o jogo pela lente da sua preferência.

Teresa Perosa (2017) lembra que a crença em informações que não têm como base a realidade, mas corroboram uma visão de mundo particular, é um traço da natureza humana. Obras renomadas que se propuseram a desvendar os processos mentais por detrás do comportamento humano "mostram que o poder da crença — em uma ideia, religião, afinidade política e afins — tende a suplantiar a argumentação racional baseada em fatos". Além da descentralização da informação na era digital, outros dois fatores podem ajudar-nos a compreender a explosão das *fake news*, acrescenta: a polarização política dos tempos atuais, "que não favorece em nada o debate racional nem o apreço pelo consenso"; e "o ceticismo generalizado entre as pessoas quanto às instituições democráticas" — ceticismo que tem como um de seus principais alvos os veículos de comunicação e a imprensa de uma maneira geral.

Desde a votação do referendo que aprovou a saída do Reino Unido da União Europeia, passando pela eleição de Trump nos Estados Unidos, o debate sobre a circulação de notícias falsas e seus efeitos na opinião pública foi ampliado. Uma das discussões suscitadas por teóricos e profissionais da comunicação é justamente sobre como elas afetam o trabalho de jornalistas. Ivan Paganotti frisa que, embora seja difícil mensurar o real impacto da desinformação sobre a democracia,

[...] a médio e a longo prazo isso cria uma desconfiança nas instituições. Se a gente perde a credibilidade nos meios de comunicação, que são um elemento importante na hora de compor a nossa democracia pelo fato de a esfera pública ser intermediada por esses meios, pelos quais os cidadãos se informam, estará sendo erodida uma parte importante da democracia (BRITO, 2017).

Em um contexto de desinformação, polarização política e ceticismo quanto às instituições democráticas, a imprensa, ao reproduzir os discursos mentirosos de figuras influentes, entra em rota de colisão com os preceitos estabelecidos pelo jornalismo em sua fase moderna de informar com veracidade e precisão a sociedade e fiscalizar o poder político (TRAQUINA, 2012). Para Rosental Alves (2019), "a imprensa não pode usar a mesma metodologia de avaliação do que é notícia que usava no mundo anterior". Na era da pós-verdade, o jornalismo precisa se transformar para que não se torne apenas "uma correia de transmissão de mentiras":



Em uma situação de assalto à verdade como vemos hoje, o jornalismo feito simplesmente com a mesma neutralidade anterior torna-se um amplificador das mentiras, falsidades que os newsmakers (pessoas que a imprensa acompanha) tentam levar à população. Sabe-se que muitos leitores não passam da manchete e do primeiro parágrafo da notícia. Se você simplesmente dá uma manchete que reproduz uma falsidade que um poderoso disse, não importa que, no quinto parágrafo, você diga que ele se contradiz. Você já ajudou a espalhar a mentira.

Se a imprensa norte-americana demorou para assimilar a estratégia de Trump de usar as regras do jornalismo contra ele mesmo e amplificar seus recados, os meios de comunicação no Brasil parecem seguir caminho semelhante com a cobertura feita sobre as declarações falsas ou distorcidas de Jair Bolsonaro.

A ombudsman da Folha de S.Paulo Flávia Lima (2019) tratou do jornalismo declaratório em sua coluna, afirmando que a imprensa “não age errado ao noticiar o que os governantes falam, mas erra ao não expor com clareza que algumas falas equivalem a sentimentos ou a mentiras”. As palavras de governantes como Trump e Bolsonaro podem trazer consequências importantes aos cidadãos de seus respectivos países, “sendo impossível fazer jornalismo simplesmente as ignorando”. No entanto, o que falam pode e deve ser contextualizado, “de modo a trazer mais elementos que ajudem o leitor a navegar entre os absurdos”.

Ainda em 2013, o professor Carlos Castilho já apontava a “praga do jornalismo declaratório:

O uso extensivo da técnica declaratória dá uma falsa impressão de imparcialidade ao leitor ou telespectador, que acaba ainda mais confuso depois de ler ou assistir ao noticiário sobre o caso. Os envolvidos obviamente negam tudo porque a consulta do repórter foi burocrática, do tipo “o que o senhor tem a dizer sobre a denúncia?” O leitor que se vire para entender a notícia. Mas os excessos no uso do “ele disse, ela disse” têm um aspecto ainda pior, pois tratam, como fato ou dado, declarações às vezes flagrantemente falsas ou distorcidas, sem que o leitor ou telespectador seja alertado pelo texto, áudio ou imagens do repórter ou editor. Tudo isso configura uma clara omissão de grande parte das redações, que preferem seguir procedimentos burocráticos em vez de meter a cara na investigação cumprindo a missão que todos os leitores, ouvintes, telespectadores e internautas esperam dos jornalistas: dados, fatos e notícias capazes e facilitar a tarefa de entender o que está acontecendo (CASTILHO, 2013).

### 3. Análise das reportagens da Folha de S.Paulo

A Análise de Valências já pertence à tradição dos estudos de mídia e foi empregada de maneira pioneira no Brasil por Marcus Figueiredo, professor e pesquisador do antigo Iuperj, atual IESP-Uerj. Tal análise busca responder à seguinte pergunta: “o texto em questão expressa alguma posição quanto ao assunto ou aos personagens mencionados?”. Esta é a principal metodologia utilizada no Manchetômetro, ferramenta desenvolvida pelo Laboratório de Estudos da Mídia e da Esfera Pública, que coleta e analisa o conteúdo dos principais jornais sobre os principais temas e personagens. Como as manchetes e títulos de capa são taquigráficos, frequentemente utilizam a interpretação do texto. Essa metodologia e o próprio Manchetômetro inspiraram esta pesquisa.

De acordo com o Manual da Folha de S.Paulo, a reprodução de declarações textuais nas reportagens “confere credibilidade à informação, dá vivacidade ao texto e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia”. O manual indica que aspas são “sinal gráfico para delimitar uma citação”, mas não explica exatamente em que situações elas são aplicadas<sup>10</sup>. Como aponta Charaudeau (2006):

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. [...]. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

As formas possíveis de se inserir declarações textuais em uma notícia ou reportagem são:

- Com o emprego de verbo *dicendi*;
- Com o emprego de locuções;
- Ausência de introdutor explícito, devido ao emprego de introdutor no mesmo parágrafo;
- Ausência de introdutor explícito em todo o parágrafo (seja por nominalização, seja por marcação apenas tipográfica).

<sup>10</sup> Ver também: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/09/aspas-nunca-mais.shtml>

Como explica Barros (2014), o discurso relatado é heterogêneo na medida em que nele o sujeito que relata incorpora o discurso de outro: 1. no discurso indireto, o locutor, colocando-se enquanto tradutor, usa das próprias palavras para remeter a uma outra fonte do 'sentido'; 2. no discurso direto, o locutor, colocando-se como 'porta-voz', recorta as palavras do outro e cita-as. As declarações textuais são um recurso que contribui para a criação de um efeito de autenticidade, distanciamento, objetividade e seriedade (MAINGUENEAU, 2001; CHARAUDEAU, 2006; MARCUSCHI, 2007). Segundo Maingueneau (2001), o discurso citante deve, em relação ao leitor, satisfazer a duas exigências: i) indicar que houve um ato de fala; ii) marcar a fronteira que o separa do discurso citado. Recursos tipográficos, como aspas, dois pontos, itálico e travessões, podem ser usados para delimitar a declaração textual citada (MAINGUENEAU, 2001).

Maingueneau (2001) analisa as formas de discurso direto inserido no jornalismo como estratégias discursivas do repórter para marcar o que é de responsabilidade sua e o que é de responsabilidade da fonte. O emprego do discurso direto para marcar declaração de fonte de informação permite distinguir o discurso do repórter do discurso da fonte, e contribui para a criação de um efeito de autenticidade, distanciamento, objetividade e seriedade. Para o autor, em geral, "o indivíduo que fala e se manifesta como 'eu' no enunciado é também aquele que se responsabiliza por esse enunciado" (p. 137).

Para Marcuschi (2007), os verbos introdutórios de declarações (ou verbos *dicendi*) cumprem uma ação direta sobre o sentido do discurso relatado e "uma função reordenadora do texto dentro da economia jornalística" (p. 166). Foram feitas buscas no site da Folha utilizando uma combinação padrão: um verbo declaratório e, em seguida, o sobrenome do presidente. Por exemplo: "diz Bolsonaro", "afirma o presidente", "declara Bolsonaro". Os verbos declarativos podem ser usados antes ou após uma fala de uma fonte. Se o jornalista opta por fazer uma citação literal da declaração do entrevistado, ela deve estar sempre entre aspas. O jornalista, no entanto, pode dispensar o uso das aspas se resumir com as próprias palavras o que a fonte disse.

A seguir, vemos a tabela com todas as reportagens que encontramos no site da Folha de S.Paulo que reproduzem declarações falsas ou distorcidas do presidente Jair Bolsonaro.

O verbo declaratório neutro “diz” é empregado no título de todas as reportagens. Diversas vezes, repórteres e editores recorreram às aspas para reproduzir a versão de Bolsonaro sobre os temas tratados. Entretanto, quando falamos exclusivamente das manchetes, as aspas se fazem presentes em apenas uma das matérias analisadas. Além de uma análise geral da cobertura feita pelo jornal, serão apresentadas as características e pontos que mais se destacaram em cada uma das matérias.

Data	Título	Subtítulo
27/03/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que Folha é 'toda a fonte do mal' na imprensa</a>	Presidente voltou a criticar o jornal durante entrevista à Band nesta quarta-feira (27)
10/06/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que, no passado, 'apenas militares' foram sacrificados na Previdência</a>	Em Brasília, presidente lembrou ter votado contra a criação do Ministério da Defesa
19/07/2019	<a href="#">Bolsonaro declara que fome no Brasil é mentira, mas recua após polêmica</a>	Afirmção foi feita em café com jornalistas estrangeiros; mais tarde, presidente afirmou que alguns passam fome
01/08/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que dados de desmate foram 'espancados' para atingir governo</a>	Ministro do Meio Ambiente voltou a dizer que quer novo monitoramento; presidente disse que intenção não é abafar aumento
12/08/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que RS pode virar Roraima se 'esquerdalha' vencer na Argentina</a>	Vice-presidente, general Mourão, defende diálogo caso chapa kirchnerista ganhe eleição de outubro
14/08/2019	<a href="#">Bandidos de esquerda começaram a voltar ao poder', diz Bolsonaro sobre Argentina</a>	Declaração foi dada em Parnaíba, onde presidente sobrevoou região produtora de frutas
21/08/2019	<a href="#">Sem provas, Bolsonaro diz que queimadas podem ter sido provocadas por ONGs</a>	Incêndios na Amazônia em 2019 bateram o recorde dos últimos sete anos; focos de fogo cresceram 83% em relação ao

Data	Título	Subtítulo
		mesmo período de 2018
27/08/2019	<a href="#">Após ofender mulher de Macron, Bolsonaro diz que não a ofendeu</a>	Presidente brasileiro zombou de aparência da primeira-dama francesa no fim de semana
29/08/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que Doria 'mamou' em governos do PT</a>	Presidente se referia a compra de jatinho com empréstimo do BNDES por empresa do governador de SP
04/09/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que JN 'não tem mais teta' e que Globo é uma empresa 'ditatorial'</a>	Presidente respondeu a uma pergunta sobre o aniversário de 50 anos do Jornal Nacional
13/09/2019	<a href="#">Bolsonaro diz que parte da 'grande imprensa' é inimiga</a>	Presidente afirma em rede social que 'será o fim de todos' se acreditarem na mídia, e critica reportagem de revista sobre sua nora
02/11/2019	<a href="#">Sem apontar evidências, Bolsonaro diz que Witzel manipulou apuração de Marielle</a>	Presidente diz que governador do Rio de Janeiro tinha intenção de prejudicá-lo
10/11/2019	<a href="#">Após ameaçar Globo e Folha, Bolsonaro diz que Lula defende censura da mídia</a>	Presidente ameaçou não renovar concessão da TV Globo e cancelou assinaturas da Folha no governo federal na última semana de outubro
28/11/2019	<a href="#">Após prisão de brigadistas, Bolsonaro volta a acusar ONGs por queimadas</a>	Sem provas, presidente sugeriu que brigadistas ganham a vida 'tocando fogo na Amazônia'
06/03/2020	<a href="#">Bolsonaro diz que não, mas negociou, sim, acordo com Congresso sobre Orçamento</a>	Legislativo e Executivo devem dividir R\$ 30 bilhões que estavam em disputa
09/03/2020	<a href="#">Sem apresentar provas, Bolsonaro diz que houve fraude eleitoral e que foi eleito no 1º turno</a>	Presidente também pressionou Congresso e Justiça a 6 dias de atos pró-governo

Data	Título	Subtítulo
27/03/2020	<a href="#">Sem apresentar provas, Bolsonaro diz desconfiar do número de vítimas do coronavírus em SP</a>	Em entrevista à TV Bandeirantes, presidente ainda afirmou que "infelizmente, algumas mortes terão, paciência"
30/05/2020	<a href="#">Bolsonaro diz que OMS incentiva masturbação e homossexualidade de crianças</a>	Presidente publicou texto sobre a organização em sua página no Facebook, mas apagou minutos depois
11/07/2020	<a href="#">Perto de 130 mil mortes, Bolsonaro diz que Brasil foi um dos que 'menos sofreu' com pandemia</a>	Na Bahia, presidente reafirmou discurso de entregar obras de grande porte não concluídas
11/11/2020	<a href="#">Bolsonaro volta a defender remédios sem eficácia e cita 'tratamento precoce' em caso de 2ª onda</a>	Presidente também afirmou em live que a melhor prevenção para o vírus é o 'preparo físico'
13/11/2020	<a href="#">Bolsonaro diz que possibilidade de segunda onda da Covid é 'conversinha'</a>	Presidente voltou a minimizar alta de casos de coronavírus e criticou quarentena
23/12/2020	<a href="#">Bolsonaro diz que melhor vacina para Covid-19 é o vírus, que já matou mais de 188 mil no país</a>	Sem máscara, presidente conversou com apoiadores aglomerados e, em sua maioria, sem proteção
12/01/2021	<a href="#">Bolsonaro diz lamentar 'censura às mídias sociais' após reação de plataformas contra Trump</a>	Presidente não citou líder americano, que teve conta excluída do Twitter
20/01/2021	<a href="#">Apesar de atraso em início de campanha, Bolsonaro diz que vacinas foram entregues no dia 'D-1'</a>	Quando ainda não havia previsão de começar a vacinar população, ministro da Saúde havia dito que imunização começaria "no dia D e na hora H"
14/05/2021	<a href="#">Atrás de Lula no Datafolha, Bolsonaro diz que petista só ganha eleição na fraude em 2022</a>	Presidente participou de solenidade de entrega de títulos de posse de terra em Mato Grosso do Sul

À luz dessas considerações e partindo destes pressupostos, analisamos as seguintes reportagens:

### **3.1 Bolsonaro diz que Folha é 'toda fonte do mal' da imprensa**

O título se limita a reproduzir a fala do presidente, fazendo uso das aspas. O título não contextualiza a declaração nem refuta Bolsonaro. O subtítulo, por sua vez, contextualiza que a declaração foi feita durante entrevista à TV Bandeirantes. Só no primeiro parágrafo da matéria é dado um panorama mais geral. Nele, o público é informado sobre as circunstâncias em que a declaração foi feita:

O presidente Jair Bolsonaro fez críticas à Folha em entrevista ao telejornal Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, nesta quarta-feira (27). O presidente se referiu ao jornal como 'uma fonte de todo o mal', quando questionado pelo apresentador José Luiz Datena sobre elogios feitos por ele ao ditador chileno Augusto Pinochet durante recente visita ao Chile.

Nesse trecho, notamos que a Folha traz mais elementos para que o leitor possa entender melhor a ofensiva de Bolsonaro contra o jornal. A matéria não é assinada, e traz na última linha do primeiro parágrafo a informação de que Bolsonaro se referiu à Folha como "fonte de todo o mal" após ter sido questionado pelo apresentador José Luiz Datena pelos elogios que teria feito à figura de Augusto Pinochet, durante compromisso oficial no Chile. Ex-general do exército chileno, Pinochet foi o responsável por liderar o grupo que arquitetou um golpe militar em 1973, estabelecendo uma ditadura no país que durou 17 anos. Em seguida, o jornal traz aspas de Bolsonaro. Nela, o presidente contesta a ideia de que teria feito qualquer tipo de elogio a Pinochet durante os dias em que esteve no Chile tratando de assuntos de governo com o presidente Sebastián Piñera:

"Não foi falado em Pinochet, ditadura em nada no Chile. Me aponte um áudio, um vídeo nesse sentido, não teve nada disso. A imprensa, maldosamente, um jornal bota, escreve. Geralmente a Folha de S.Paulo começa com tudo. Toda a fonte do mal é a Folha de S.Paulo", disse Bolsonaro.

A Folha narra que Datena questionou Bolsonaro, perguntando se ele é obcecado pela Folha de S.Paulo. O jornal abriu nova aspa para o presidente, que retrucou: "Não, ela que tem por mim. É o contrário". A reportagem não menciona os elogios de Bolsonaro a Pinochet no Chile. Mas menciona que em 2015, o então deputado federal fez defesa do ex-general e do regime ditatorial imposto pelos militares no país vizinho: "Pinochet fez o que tinha que ser feito porque dentro do Chile existiam mais de 30 mil cubanos, então tinha que ser de forma violenta pra reconquistar o

seu país”, afirmou na ocasião. A Folha cita fala do então ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, antes da viagem de Bolsonaro, admitindo o caráter sangrento do que chamou de “revolução” pinochetista.

A Folha adotou tom tímido em relação à ofensiva de Bolsonaro contra o periódico naquela oportunidade. Por meio do artifício das aspas, o veículo escolheu repetir fielmente o que Bolsonaro disse a Datena, sem contrapor nem se defender do ataque. A contextualização só apareceu no corpo do texto. Notamos a utilização repetitiva de aspas, sem que outras fontes fossem ouvidas, nem foram citados dados socioeconômicos, números de perseguidos e exilados, de presos políticos e mortos no Chile.

### **3.2. Sem provas, Bolsonaro diz que queimadas podem ter sido provocadas por ONGs**

Nesta reportagem há uma mudança no tom adotado pelo veículo. Já no título, o jornal contesta a acusação feita pelo presidente de que as queimadas na Amazônia seriam de responsabilidade de organizações não-governamentais. A Folha indica que Bolsonaro não apresenta qualquer prova que sustente a afirmação. No subtítulo, o repórter Gustavo Uribe traz dois dados: o de que os focos de incêndio na região aumentaram em 83% em relação a 2018; e o de que o número de queimadas na Amazônia era o maior em sete anos. E, ao assinalar que Bolsonaro não tinha provas de que ONGs eram as responsáveis por atear fogo na Amazônia, Uribe refuta a versão do presidente:

O presidente Jair Bolsonaro classificou nesta quarta-feira (21) como criminosa a série de queimadas pelo país e disse que ONGs (Organizações não Governamentais) de proteção ao meio ambiente podem estar envolvidas nos incêndios ilegais. Bolsonaro, no entanto, não apresentou provas.

No segundo parágrafo, a matéria esclarece que a declaração foi dada durante entrevista na entrada do Palácio do Planalto. Nas palavras do presidente, “ongueiros” estariam colocando fogo nas florestas para atacar seu governo.

“Pode estar havendo, não estou afirmando, ação criminosa desses ongueiros para exatamente chamar a atenção contra a minha pessoa, contra o governo do Brasil. Essa é a guerra que nós enfrentamos. Vamos fazer o possível e o impossível para conter esse incêndio criminoso”, disse.



Ainda de acordo com Bolsonaro, o mundo estaria em guerra contra o Brasil por conta das críticas públicas feitas pela sua gestão contra os países da Europa, em relação à Amazônia e ao tema meio ambiente.

"O crime existe. E nós temos de fazer o possível para que esse crime não aumente, mas nós tiramos dinheiro de ONGs. Dos repasses de fora, 40% ia para ONGs. Não tem mais. Acabamos também com o repasse de dinheiro público, de forma que esse pessoal está sentindo a falta do dinheiro", afirmou.

No fragmento destacado, Bolsonaro alega que os incêndios aconteciam como retaliação ao fim dos repasses do governo às ONGs de proteção ambiental. Depois de trazer as aspas do presidente pela segunda vez, o jornalista Gustavo Uribe contextualiza a situação das queimadas no Brasil.

Com 72.843 focos de incêndio do início de janeiro até segunda-feira (19), o Brasil registra um aumento de 83% em relação ao mesmo período do ano passado. O fogo também avança sobre áreas protegidas. Nesta semana, houve 68 ocorrências dentro de terras indígenas e unidades de conservação estaduais e federal.

Em seguida, por meio de dados coletados junto ao instituto que monitora as queimadas no Brasil, o repórter denuncia a gravidade do problema e a falta de controle do governo sobre a situação. O emprego de dados contribui para trazer credibilidade e profundidade. Uribe também descreve que, durante a entrevista no Alvorada, Bolsonaro afirmou que se reuniu com ministros da Defesa, do Meio Ambiente e da Justiça para tratar das queimadas. E que contingentes das Forças Armadas iriam intensificar o trabalho de monitoramento nas áreas com maior ocorrência de incêndios florestais. O repórter traz novas aspas do presidente responsabilizando as ONGs pelo fogo. Em seguida, reproduz uma nova acusação do presidente de que os governadores da região amazônica estariam sendo coniventes com os incêndios criminosos.

"Olha só, tem governador, não quero citar nome, que está conivente com o que está acontecendo e bota a culpa no governo federal. Tem estados aí, que não quero citar, na região Norte, que o governador não está movendo uma palha para ajudar a combater incêndio. Está gostando disso daí", afirmou.

Bolsonaro, outra vez, não apresenta qualquer prova, mas desta vez Uribe não menciona isso no texto. Na sequência, ele reuniu números do estado de Mato Grosso, que até agosto de 2019 liderava o número de queimadas na Amazônia. Por fim, a matéria revela que as acusações de Bolsonaro contra as ONGs ambientais

repercutiram internacionalmente e foram destaque em alguns dos principais veículos de imprensa do mundo.

A acusação sem provas de Bolsonaro teve repercussão na imprensa internacional. Os veículos The New York Times, The Washington Post e o The Guardian reproduziram a fala do presidente. A declaração também recebeu atenção da BBC, Reuters e da Al Jazeera.

Analisando as características que encontramos nesta reportagem sobre a declaração de Bolsonaro a respeito do envolvimento de ONGs em queimadas, notamos um texto contestador, com profundidade, e que vai além do discurso oficial. A matéria não reproduz o que Bolsonaro diz sem colocar em xeque seu discurso, como é o caso da primeira reportagem. Pelo contrário, o trabalho de contestar as declarações do presidente começa ainda na manchete da matéria escrita por Gustavo Uribe, e é isso que dá o tom de todo o trabalho desenvolvido pelo repórter nesta matéria. Ele contesta a afirmação de que ONGs seriam as responsáveis pelos incêndios porque o presidente, em nenhum momento da entrevista que concedeu no Palácio da Alvorada, forneceu provas que sustentassem sua afirmação. Nenhum documento, áudio, vídeo ou imagem. O texto também contextualiza as circunstâncias em que Bolsonaro deu a declaração sobre as ONGs, e fornece ao leitor um panorama mais detalhado dos incêndios florestais no Brasil e na região amazônica. Por meio de um trabalho de pesquisa e coleta de dados, o repórter informa o número total de focos de incêndio ocorridos até 23 de agosto de 2019 (a data do texto publicado), revela que o aumento das ocorrências cresceu consideravelmente até o mesmo período de 2018, e que o cenário de devastação era o pior em quase uma década. A apuração de dados permite apontar, inclusive, os locais mais afetados pelas chamadas.

### **3.3. Sem apresentar provas, Bolsonaro diz desconfiar do número de vítimas do coronavírus em São Paulo**

Nesta reportagem sobre a Covid-19, a Folha de S.Paulo refuta, novamente, uma declaração do presidente Jair Bolsonaro em seu título. Escrita pelos jornalistas Daniel Carvalho e Ricardo Della Colletta, o texto foi publicado em 27 de abril de 2020 durante os primeiros dias da pandemia do novo coronavírus. No subtítulo, os repórteres ressaltam que a fala desconfiada do presidente sobre o número de casos da doença em São Paulo ocorreu em uma entrevista de Bolsonaro para a TV Bandeirantes.

Em meio a um embate com o governador João Doria (PSDB), o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse na tarde

desta sexta-feira (27) que não acredita nos números de casos de coronavírus no estado de São Paulo. Para ele, os números podem estar superdimensionados.

Na primeira linha do primeiro parágrafo, o leitor é informado sobre a existência de uma rixa entre o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), e Bolsonaro. Em seguida, os jornalistas descrevem que, segundo o presidente, o número de casos de Covid-19 no estado governado por João Dória era exagerado. No parágrafo seguinte, a reportagem traz a estatística dos óbitos registrados em São Paulo. Por meio de um trabalho de apuração e coleta de dados junto à Secretaria de Saúde, os repórteres revelam que as mortes cresceram 209%. No dia 22 de março, foram contabilizadas 22 mortes pela doença. No dia 27, isto é, cinco dias depois, a secretaria já registrava 68 óbitos.

"Está muito grande para São Paulo. Tem que ver o que está acontecendo aí. Não pode ser um jogo de números para favorecer interesse político", disse o presidente em entrevista ao apresentador José Luiz Datena, da TV Bandeirantes. O jornalista insistiu no questionamento, indagando se ele não acreditava nos dados de São Paulo. "Não estou acreditando nesse número", afirmou Bolsonaro.

Nas aspas acima, a primeira da reportagem, Bolsonaro diz que o número de óbitos seria incompatível com São Paulo, e que os números, de alguma maneira, favoreciam o interesse político de alguém. Os jornalistas, então, trazem à luz o questionamento feito pelo apresentador José Luiz Datena durante o programa da Bandeirantes. O apresentador vai direto ao ponto e pergunta para o presidente se ele não acreditava nos dados de São Paulo. Os autores da reportagem não evidenciam quais foram os motivos que levaram o presidente a desacreditar nos dados de São Paulo, mas o recurso de aspas parece responder:

Procura saber, por estado, quantos morreram por H1N1 até o momento. Não é que eu queria que tenha morrido. Ano passado foram 700 pessoas mais ou menos. Vai ter que ter alguém que morreu este ano disso aí. Se for todo mundo com coronavírus, é sinal de que o estado está fraudando a causa mortis daquela pessoa, querendo fazer uso político de números. Isso a gente não pode admitir.

Para Bolsonaro, os números do novo coronavírus estariam sendo fraudados em São Paulo. No trecho destacado acima, o presidente dá a entender que, assim como em outros anos, mortes pelo vírus da H1N1 estariam ocorrendo em São Paulo. No entanto, esses óbitos estariam sendo contabilizados como Covid-19, superdimensionando, assim, a letalidade do vírus no estado. Ainda de acordo com o

presidente, a fraude nos números estaria sendo feita para beneficiar politicamente alguém. Em seguida, a matéria destaca que Bolsonaro voltou a Brasília no mesmo dia em que foi entrevistado por Datena. Chegando lá, foi questionado outra vez por jornalistas a respeito das afirmações em relação aos números do novo coronavírus em São Paulo. Os repórteres da Folha descrevem que um dos jornalistas que estavam na área de imprensa do Palácio da Alvorada questionou Bolsonaro sobre a existência de provas que embasassem suas acusações. Bolsonaro não conseguiu responder objetivamente ao questionamento do jornalista, nem conseguiu provar que o que estava afirmando era, de fato, real. Os repórteres que trabalham para a Folha de S.Paulo, entretanto, em vez de descreverem isso no corpo da reportagem, preferiram abrir novas aspas com a resposta do presidente para o jornalista: "Ô cara, você vê números, cara. Não vou mais responder a você."

#### **4. Considerações finais**

A partir da análise das reportagens publicadas na Folha de S.Paulo, sobre as declarações falsas ou distorcidas do presidente Jair Bolsonaro, é possível afirmar que a cobertura realizada pelo jornal foi, principalmente, contextualizante e contestativa. Os jornalistas do periódico procuraram descrever as circunstâncias em que Bolsonaro se expressa, e acreditamos que isso possibilita ao leitor enxergar as agendas por trás dos discursos do presidente. Essa preocupação em situar quem lê as reportagens sobre os fatos que antecedem as declarações falsas ou distorcidas de Bolsonaro se faz presente nos subtítulos e, principalmente, nas manchetes que acompanham os textos escritos. As reportagens *Sem provas, Bolsonaro diz que queimadas podem ter sido provocadas por ONGs*; *Sem apresentar provas, Bolsonaro diz desconfiar do número de vítimas do coronavírus em SP* são as que melhor evidenciam esses traços.

Todas as reportagens trazem dados contextualizados, um antídoto para a desinformação. Esse trabalho de contextualização dos fatos é realizado, principalmente, por meio da pesquisa de dados históricos, ambientais e sociais feita pelos jornalistas, que auxiliam no entendimento da matéria. Isso só não ocorre na reportagem sobre o ataque de Bolsonaro à Folha de S. Paulo. A matéria poderia ter detalhado melhor esse período sangrento da história do Chile, trazendo outras informações que aprofundassem o que aconteceu no país entre 1973 e 1990: a

perda das liberdades individuais dos cidadãos e coletivas, toda a repressão política sofrida pelo povo chileno, a censura contra os meios de comunicação, os desaparecimentos de civis, as prisões ilegais e a tortura contra presos políticos.

Com relação ao texto, a matéria sobre as queimadas no Brasil traz muitos dados numéricos e estatísticos que auxiliam o leitor no entendimento da gravidade da situação. Por meio desse trabalho de apuração, o jornalista Gustavo Uribe consegue informar o leitor que, até o dia da publicação, as queimadas aconteciam com maior frequência em áreas privadas e nas terras indígenas, e que o número total de focos de incêndio na Amazônia era o pior em sete anos. As reportagens que têm como foco as declarações de Bolsonaro a respeito do novo coronavírus também estão repletas de dados contextuais, referentes aos números de casos e de mortes pela Covid-19 no Brasil. As matérias não ficam restritas às falas de Bolsonaro minimizando os perigos do vírus, são ricas em detalhes e informações. Nesse sentido, a cobertura da Folha de S.Paulo sobre as declarações falsas ou distorcidas do presidente Jair Bolsonaro, sobretudo na pandemia, parece cumprir o papel que se espera do jornalismo.

Entendemos que a velocidade que o jornalismo exige dos profissionais na era digital não influencia negativamente a produção das reportagens da Folha. Embora os traços do jornalismo declaratório se façam presentes nos títulos, subtítulos e nos textos publicados, os jornalistas, pelo trabalho de contextualização dos fatos, conseguem refutar as declarações falsas de Bolsonaro. Assim, cumprem seu dever jornalístico de informar os cidadãos sobre os acontecimentos e não permitem que seu trabalho seja utilizado como propaganda, nem como instrumento de manobra política.

## **5. Referências Bibliográficas**

AGÊNCIA LUPA. Apontaremos mentiras quando as virmos. Rio de Janeiro, 15 de jan. 2021. Disponível em <[piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/15/editorial-mentirascovid/](http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/01/15/editorial-mentirascovid/)>.

ALTARES, Guilherme. A longa história das notícias falsas. El País Brasil, 12/06/2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298\\_389944.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html).

- BARROS, M.F. de. Entre aspas: uma análise das funções metaenunciativas das aspas em editoriais dos jornais Agora São Paulo e Folha de S. Paulo. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
- BRITO, S. O impacto das fake news no dia a dia do jornalismo. Observatório da Imprensa, 30/10/2017. Disponível em:  
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/pos-verdade/o-impacto-das-fake-news-no-dia-dia-do-jornalismo/>>.
- CASTILHO, C. A praga do jornalismo declaratório. Observatório da Imprensa. 22 nov. 2013. Disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br/ codigo-aberto/jornalismo-declaratorio-esconde-omissao-na-apuracao-de-denuncias-de-corrupcao/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/jornalismo-declaratorio-esconde-omissao-na-apuracao-de-denuncias-de-corrupcao/).
- CHARAUDEAU, Patrick. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: \_\_\_\_\_. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-151.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31, n.1, p. 29-49, jan./jun. 2008. Disponível em:  
<<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/194>>.
- D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- DANZIG, Jon. How Newspaper Lies Led to Brexit, 02/06/2019. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=PkGo1nsm1ic>>.
- CIGI-Ipsos Global Survey on Internet Security and Trust. Centre for International Governance Innovation. Disponível em:  
[www.cigionline.org/sites/default/files/documents/2019%20CIGI-Ipsos%20Global%20Survey%20-%20Part%203%20Social%20Media%20C%20Fake%20News%20%26%20Algorithm%20s.pdf](http://www.cigionline.org/sites/default/files/documents/2019%20CIGI-Ipsos%20Global%20Survey%20-%20Part%203%20Social%20Media%20C%20Fake%20News%20%26%20Algorithm%20s.pdf)
- ICFJ. A short guide to the history of 'fake news' and disinformation. International Center for Journalists, p. 2. Disponível em: [www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation\\_ICFJ%20Final.pdf](http://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation_ICFJ%20Final.pdf)
- LISBOA, Silvia; BENNETTI, Marcia. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia** Vol. 14 nº 1 Janeiro a Junho de 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. Polifonia, discurso direto. In: \_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 137-148.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: \_\_\_\_\_.  
**Fenômenos da linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro:  
Lucerna, 2007. p. 146-168.

SANTOS, Rodolpho Raphael de Oliveira. Fake news como produto da pós-verdade.  
Observatório da Imprensa, 17/07/2017. Disponível em  
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/comunicacao-social/fake-news-como-produto-da-pos-verdade/>>

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: Por que as notícias são como são, vol. 1.  
Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GENESINI, Silvio. Além da verdade e da mentira na vitória de Trump. Exame,  
22/06/2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/silvio-genesini/alem-da-verdade-e-da-mentira-na-vitoria-de-trump/> Acessado em 27/11/2019

HUNT, Allcott. GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016  
Election, 2017. Disponível em:  
<<https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>> Acessado em  
27/11/2019

LIMA, Flávia. Males do jornalismo declaratório. Folha de S.Paulo. 2019. Disponível  
em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2019/08/males-do-jornalismo-declaratorio.shtml>>.

MATTHEW, Norman. Whoever wins the US presidential election, we've entered a  
post-truth world – there's no going back now. The Independent, 08/11/2016.  
Disponível em: <[www.independent.co.uk/voices/us-election-2016-donald-trump-hillary-clinton-who-wins-post-truth-world-no-going-back-a7404826.html](http://www.independent.co.uk/voices/us-election-2016-donald-trump-hillary-clinton-who-wins-post-truth-world-no-going-back-a7404826.html)>.

PEROSA, Teresa. O império da pós-verdade. Época, 27/04/2017. Disponível em:  
<<https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>>.